

Na sua definição, o produtor é um engenheiro: "o engenheiro da obra, que traça a planta do filme e depois contrata os profissionais para construí-la". A respeito de sua hipotética acomodação ou falta de ousadia enquanto produtor, ele é taxativo: "o cinema é uma indústria caríssima que não tem valor intrínseco".

Mas a Cinedistri atravessou bem os anos 70. Além de *Independência ou Morte*, que assume na *Semana da Pátria* a mesma função que *Paixão de Cristo* na *Semana Santa*, os outros projetos da empresa foram todos bem sucedidos comercialmente. Levando a marca do produto bem acabado, realizado por profissionais competentes, atores e atrizes de renome, os filmes de Anibal (destaque para três: *Elas São do Baralho*, *O Bem Dotado* e *As Histórias Que As Nossas Babás Não Contavam*) revelam o cuidado em atentar para as oscilações de gosto e novidades do mercado. Agora com roupagens do "erotismo", a Cinedistri faz valer a tradição conquistada ainda na década de 50, quando produziu as comédias popularescas com Dercy Gonçalves, Arrelia, Costinha, Ankito e outros.

Tony Vieira, cujo nome verdadeiro é Mauri Queiroz — daí as iniciais de sua produtora MQ: "Marca e Qualidade" — já fez de tudo na vida. Foi baleiro, trapezista, apresentador de circo, locutor de parque de diversões, animador dos programas de tele-catch na TV, e finalmente ator, diretor e produtor na Boca. Atravessou a década de 70 em atividade ininterrupta com Heitor Gaiotti, que faz sempre o papel de malandro cheio de ginga e bem humorado, enquanto ele é o eterno mocinho justiceiro.

(6) Depoimento de Tony Vieira, em 19 de dezembro de 1978.

Nota: Francisco de Assis Soares, comerciante e industrial produziu vários filmes de Tony Vieira.

Um dos primeiros trabalhos em cinema foi justamente o de ator em *As Mulheres Amam por Conveniência*, filme dirigido por Roberto Mauro e citado na introdução deste trabalho. É a história de um técnico de cinema abandonado pela atriz em favor de um fazendeiro, e que dando a volta por cima, torna-se diretor consagrado e reconquista a mulher. "Naquela época eu achei o filme razoável. A idéia do Roberto era fazer um drama em cima de um caso verídico que aconteceu a um amigo dele. Ainda nem se pensava em pornochanchada.

Mas e o final, com o rapaz carregado em triunfo...?

"Aí acho que deve ter entrado a fantasia, ele deve ter fantasiado o final. Então o drama foi esse. Eu também fantasio nos meus filmes. Pego esses casos que acontecem por aí, casos verídicos, alguns até eu pego no DEIC e me baseio neles. Agora, tem que fantasiar, porque o que aconteceu realmente não funciona em cinema."

E o Lúcio Flávio do Babenco?

"Aquilo está muito fantasiado..."

O esquema de produção de Tony Vieira é econômico e rentável o suficiente para continuar suas atividades. Acompanha de perto as reações do público frente aos filmes, e em função dela é que procura nortear seu trabalho. Mas nem por isso garante o sucesso.

"Vou dar um exemplo. A pior fita, a fita mais ordinária que eu já pude fazer foi *Sob o Domínio do Sexo*. Nesta fita eu tinha só 25% e foi feita em duas semanas, com catorze latas de negativo. Todo mundo na pior. Eu não tinha dinheiro, estava começando e foi tudo no sufoco... e foi a fita que mais rendeu, que mais deu o que falar. Tem até uma cena em que apareço dizendo 'corta' e eu peguei aquilo e dublei outra coisa: 'segue em frente'. No fim foi o maior sucesso, deu muito dinheiro. Então você vê, quando a gente pensa que sabe das coisas... depois eu melhorei, me aperfeiçoei, mas não fiz o mesmo sucesso de *Sob o Domínio do Sexo*. Quem pode explicar isso? Ninguém."⁽⁶⁾

Em situação mais sólida, pelo menos financeiramente, está a produtora de David Cardoso (Dacar), situada a alguns quarteirões da rua do Triunfo. Traz em seu currículo uma série de filmes bem sucedidos: na primeira fase de sucesso, que inclui *Ilha do Desejo*, *Amadas e Violentadas*, contou com a colaboração decisiva de Jean Garrett; em junho de 1980 David voltou a bater recorde de renda no cine Marabá, uma das salas prediletas dos produtores da Boca. Localizada num ponto central da cidade (Av. Ipiranga quase esquina com São João), é com certeza a sala de maior renda média em todo país. Ali, *A Noite das Taras* atraiu verdadeiras multidões e confirmou definitivamente a vocação empresarial do "James Bond dos Pantanaís", como alguns o chamam. Atuando dentro dos limites precariamente demarcados da atual fase de liberalização da censura, o filme nos apresenta situações explícitas de sexo, condimentadas com cenas de lesbianismo, "fellatio", etc... David cursou Direito, tirou brevê de piloto e encenou peça de muito sucesso junto ao público gay (ele aparecia praticamente nu). Periodicamente viaja ao exterior para se atualizar. Exibe ternos